

# REVISTA DE ARQUEOLOGIA

Volume 39 No. 1 Janeiro - Abril 2026

ENSAIO

## KUANDIK: CORPO DE MATERIAL, DE SER OU DE GENTE?

Bibi Nhatarâmiak Reis Ferreira\*

### RESUMO

Este artigo eu escrevi com o intuito de contar um pouco sobre a relação do *kuandik* e meu povo, sobre como nós vivemos com ele, como nos cuidamos, como ele vem para nossas vidas e como ele retorna para a mãe-terra. Durante a escrita e desabafo a respeito de ter um corpo indígena sendo arqueóloga, surgiram dois novos conceitos que debatarei ao longo do texto, vivendo e caminhando o processo de avermelhar a Arqueologia.

**Palavras-chave:** Arqueologia; Indígena; *Kuandik*; Remãeterração.

\* Indígena do povo Borum-kren, Mulher Wayrakuna, Doutoranda em Antropologia com área de concentração em Arqueologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Bolsista Capes. E-mail: [bibilelis18@gmail.com](mailto:bibilelis18@gmail.com). ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9780-5352>.

## KUANDIK: BODY OF MATERIAL, OF BEING OR OF PEOPLE?

---

### ABSTRACT

I wrote this paper to tell you a little about the relationship between the *kuandik* and my people, about how we live with it, how we take care of ourselves, how it comes into our lives and how it returns to mother earth. While writing and venting about having an indigenous body as an archaeologist, two new concepts emerged that I will discuss throughout the text, living and walking the process of reddening archaeology.

**Keywords:** Archaeology; Indigenous; Kuandik.

## KUANDIK: ¿CUERPO DE MATERIAL, DE SER O DE PERSONA?

---

### RESUMEN

Escribí este artículo para contar un poco sobre la relación entre el *kuandik* y mi pueblo, sobre cómo convivimos con él, cómo nos cuidamos, cómo entra en nuestras vidas y cómo vuelve a la madre tierra. Mientras escribía y me desahogaba sobre el hecho de tener un cuerpo indígena como arqueóloga, surgieron dos nuevos conceptos de los que hablaré a lo largo de este texto, viviendo y caminando el proceso de enrojecimiento de la arqueología.

**Palabras clave:** Arqueología; Indígena; *Kuandik*; Remadretierración.

Você só vê minha pele  
 Só vê o que transborda por fora  
 Se eu me deixar enganar  
 Eles levam meu espírito embora  
 Ouço o maracá pra não esquecer  
 Entro na terra pra acordar  
 Sussurro segredos no entardecer  
 Emanando e recebendo no luar

(Kaê Guajajara, 2021)

## DUALIZANDO O INDIVISÍVEL

Minha jornada dentro da Arqueologia se iniciou por dualidades e conflitos de mundos que a disciplina separou ao longo dos anos. Na minha primeira aula de graduação, eu escutei a famosa divisão de nós/outros e demorei muitas aulas adiante para entender que o “nós” são as pessoas brancas, e os “outros” somos nós, indígenas.

No mundo do meu povo Borum-kren<sup>1</sup>, o “nós” seríamos nós, indígenas, que chamamos de *mauãn*, e o “outro” seriam as pessoas brancas, que chamamos de *krayá*. Todavia, nosso mundo não é dividido entre *mauãn* e *krayá*; muitas outras pessoas, seres, parentes animais, encantados, ancestrais, *nanjon*, *marét*, raízes, elementares, plantas, montanhas e nossas curas pela mãe-terra, tudo permeia, perpassa, complementa, transforma e nos faz nós, enquanto povos da terra.

Não existe a ideia de um “outro” isolado, o qual a gente observa e sobre o qual cochichamos a respeito e olhamos de longe. Nós somos porque todo mundo é, a gente se ajuda, e fazemos em nome de todas as pessoas. Eu sou minhas ancestrais, e elas são eu; por isso nós prosperamos, porque continuamos sempre em busca do bem-viver dos povos, com “a capacidade de sonhar, de construir modos de viver harmônicos entre todas as relações humanas e não humanas, com seres montanhas, seres rios e seres florestas, de continuar dançando, cantando e contando histórias” (Bárbara Flores Borum-Kren, 2023, p. 65). É sobre regar, cuidar e plantar o útero da mãe-terra, que nos semeia alimento, nos cura, nos trás a vida e nos acolhe quando ancestralizamos.

Voltando à sala de aula... o segundo choque na realidade arqueológica que eu vivi veio com essa ideia em separar natureza e cultura (Levi-Strauss, 1997); até hoje isso não faz nenhum sentido na minha mente, no meu corpo e na minha realidade, que é uma realidade de uma mulher indígena, ocupando um espaço e um mundo onde nós somos a mãe-terra, e a mãe-terra somos nós, “a terra é uma extensão do nosso corpo” (Célia Xakriabá, 2022, p. 18). Quando ferem a mãe-terra, nós somos feridas; as queimadas que feriram nossas montanhas, as árvores, os animais; nós sentimos a dor do fogo criminoso destruindo nossa morada, nosso lar, nosso corpo. A música a seguir evidencia muito bem o pedido para que cessem o fogo na mata:

---

<sup>1</sup> Borum-kren, povo originário do Alto Rio das Velhas, Alto Rio Doce e Alto Rio Paraopeba – Minas Gerais, ocupamos essa região desde séculos antes da chegada dos bandeirantes paulistas. Somos um povo ressurgente após anos de violência, etnocídio e silenciamento do nosso povo. Nossa língua vem do tronco linguístico Macro-Jê.

Não bote fogo na mata  
 Que a mata tem morador,  
 Quem mora lá é Jandira,  
 Jurema quem lhe mandou  
 A onça toda pintada  
 Jandira quem lhe pintou  
 Brincando com a onça 'braba'  
 Jandira a onça mansou  
 A mata, ela é sagrada  
 Tupã também mora lá  
 Eu chamo o povo da aldeia  
 Não deixa a mata queimar  
 (Cabocla Jandira - Círculo Piaga, 2024).

Percebemos nas linhas e entrelinhas dessa música que natureza e cultura não existem, é uma das muitas invenções destruidoras e individualistas dos homens brancos, que vão em nossas aldeias para nos “estudar” como se fôssemos bichos do mato. São invenções que compõem uma ciência exterminadora de histórias, pessoas, mundos, espiritualidades e saberes (Natasha Lyons; Kisha Supernant, 2020).

No livro *Ideias para adiar o fim do mundo*, o parente Ailton Krenak (2019) fala sobre o caos social, desgoverno geral e em como estamos caminhando para um abismo no qual nossas futuras geração cairão. O autor não tem ideia de como adiar o fim do mundo, eu também não tenho, mas sabemos que muitos mundos já acabaram ao longo dos desastres dos tempos, e nossos ancestrais e nós já vivemos muitos fins de mundo. A questão é que continuamos a acabar com mundos dentro da ciência e nas pesquisas realizadas em universidades, epistemicídio legalizado e financiado.

Quando arrancamos da mãe-terra materialidades poderosas que não compreendemos, nós matamos mundos; quando não respeitamos os seres e as pessoas que cuidaram e cuidam do que conhecemos hoje como sítios arqueológicos, mas que são nossas aldeias antigas, lugares em que nossos antepassados pisaram, construíram, moraram, caçaram, lugares sagrados onde nossas ancestrais trouxeram muitas de nós à vida, e devolveram muitos para terra. Nossos corpos, nossas materialidades, nossos territórios possuem histórias, possuem vida, e a espiritualidade que guarda tudo.

Todavia, a ciência branca ocidental insiste em nos retirar da terra e nos colocar em caixas dentro das reservas técnicas, com o discurso absurdo de que estão nos salvando, que nos salvaguardam, nos salvam e depois nos guardam. Acham que estão nos salvando de quê? Como escreveu a parenta Eliane Potiguara (2018, p. 67) em seu livro *Metade cara, metade máscara*, em um poema que ela chamou de “Desilusão”:

A mim me choca muito esse ambiente  
 Essa música, essa dança  
 Parece que todos dizem sim.  
 Sim a quê?  
 Sim a quem?  
 Por que concordar tanto  
 Se o que se tem que dizer agora  
 É NÃO!  
 NÃO à morte da família  
 NÃO à perda da terra  
 NÃO ao fim da identidade.

Não estou dizendo que devemos nunca mais escavar, até porque tem muitos parentes que vão ao encontro da Arqueologia para fazer parte das escavações e se reencontrarem com as materialidades e os seres antigos. Todavia, nós, enquanto integrantes da Arqueologia, temos a obrigação de sermos respeitadas e conscientes do que estamos fazendo e dos futuros que estamos criando, pois somos nós as pessoas responsáveis pelas interpretações criadas sobre as vidas antigas dos parentes. Por isso, respeito, cuidado, atenção e colaboração são as chaves para o presente e o futuro da Arqueologia.

Na Arqueologia, nós trazemos as materialidades e as pessoas que estavam dentro da terra para a superfície. Deveríamos ouvir cada caquinho de cerâmica, as histórias inscritas nas lascas e nas pontas usadas para caçar e alimentar um povo. Também deveríamos ouvir as pessoas que estão em condição de ossos – que seguem sendo pessoas e que, ao serem acionadas, têm vida a narrar (Gabrielle Ferreira, 2024) – e a própria terra. Todavia, essa escuta não é uma realidade da Arqueologia convencional.

A Arqueologia retira tudo da terra, mas não se lembra de escutá-la. A mãe-terra detém a memória de tudo, de todas nós que aqui pisamos um dia, de tudo que fizemos, construímos, cuidamos, plantamos, pintamos... Por isso é tão indispensável a presença de nossos corpos indígenas ocupando os ambientes arqueológicos. A terra fala com a gente porque nós somos a terra, já dizem os parentes: “a resposta somos nós”.

#### MÃETERRALIDADES

Sou acompanhada por muitos espíritos ancestrais, seres encantados que me guiam, mulheres que vieram antes de mim e que são minha força para a caminhada e as materialidades que não são humanas, mas que também são minhas orientações. Materialidades, pinturas, seres e medicinas antigas... São as encantarias que me constroem e me instruem onde devo pisar, o que posso falar, quando me retirar e em quem confiar; são o que eu chamo dos sopros das ancestrais.

Tendo o corpo que eu tenho, habitando o mundo que habito, eu me questiono quando estou lendo, falando, ouvindo a respeito de e fazendo Arqueologia: como vou separar a mãe-terra de quem eu sou? Como vou desassociar a terra e eu? Eu sou a terra, *té imè tupý nak*, sou feita de terra, fui parida pela terra e vou para dentro da terra quando ancestralizar.

Nossa identidade não cabe em uma caixa de polipropileno, já diz a parenta Eliane Potiguara no livro ‘Metade Cara, Metade Máscara’: nossa identidade é caminhante e renascente, ela vem da imensidão da floresta, não do espremido da caixa.

A Arqueologia precisa da mãe-terra, ela é a guardiã das nossas materialidades, por isso mãeterralidades, é a mãe-terra que cuida das materialidades; é um cuidando do outro, é a urna que cuida de quem ancestralizou, é a mãe-terra que cuida da urna e de quem ancestralizou, nos protegendo, protegendo nossas materialidades encantadas e as nossas histórias. E quando algum saber, canto ou história está adormecido, é com a ajuda da nossa conexão com a mãe-terra que nos são trazidas de volta as memórias que estavam dormindo com ela. E nos auxilia na retomada, na ressurgência e no reencontro. É como aponta a arqueóloga Juliana Machado sobre a ligação de território e memória em seu texto sobre as histórias roubadas dos parentes Laklânõ Xokleng de Santa Catarina, nossos territórios são nossas memórias, nós somos os nossos territórios, tudo está conectado em nós.

Agora, eu peço licença para contar um pouco da minha relação e vivência com um ser muito poderoso que faz parte de mim e ao mesmo tempo é uma extensão de quem eu sou e da energia que eu coloco no mundo e nas pessoas ao meu redor.

Nós precisamos de muito mais educação que preze pela responsabilidade de envolver uns aos outros, envolver o que é humano e não humano; nós precisamos de respeito nesse envolvimento. Porque quando nós não sabemos respeitar o que não é humano nós acabamos por desrespeitar também o que é humano (Joziléia Kaingang, 2022, p. 80).

Eu tomei a decisão de que nesse texto eu não vou trair minha língua indígena, traduzindo o que é esse ser tão poderoso conhecido no meu povo Borum-kren como *kuandik*, porque a tradução exata não trás toda a essência e importância que é conhecer e perceber esse ser-instrumento para nós; eu preciso que você o veja como se fosse a primeira vez, não apenas compreendendo o significado da palavra, mas reconhecendo quem são aqueles de quem estamos falando. Eu vou explicar com foto e com as palavras que um dia foram ensinadas a mim pelas pessoas anciãs, pelo cacique, pelos espíritos guias. Deixarei registrado que eu não sou detentora de todo o saber, sou aprendiz da mãe-terra, aprendiz de mulheres elementais, que desaguam cura, plantam amor, acendem os saberes, “renovam o ar e polinizam sementes” (Aline Kayapó *et al.*, 2023, p. 21), mulheres Wayrakuna. Eu sou uma das muitas filhas da ventania e estou dando continuidade à luta das minhas ancestrais.

O *kuandik* vive nesse mundo de dualidades mencionado anteriormente, porque ele está dentro de binarismos como de pessoa/objeto, ser/coisa, material/espiritual, porque é um instrumento muito importante para vários povos indígenas, incluindo o meu povo. Mas, a partir do momento que ele é visto com olhos de pessoas não indígenas, ele é colocado na caixinha de coisa e de objeto.

Para meu povo Borum-kren, o *kuandik* é um ser poderoso e é feito por nossas mãos com tudo que a mãe-terra nos oferece. Usamos cabaça, sementes, madeira, penas, fogo e nosso rezo para trazer um *kuandik* para luta e para o toré; ele está muito além de um mero objeto.

O dia de trazer *kuandik* é um dia de festa no território, fazemos peixe na fogueira, beijú, muito abacaxi e manga verde assada, tinta e pinturas com jenipapo. É sempre importante a presença dos mais jovens para viverem e aprenderem tais práticas, estarem juntos o tempo todo na busca pelas sementes, no cortar das madeiras, na escolha de por ou não penas, no momento de fazer os grafismos na cabaça, nos cantos e no primeiro toré dos *kuandik* que chegam.

Assim como nós somos a extensão de nossos territórios, onde quer que a gente caminhe, nossos territórios vão com a gente, é o corpo-território (Célia Xakriabá, 2018). O *kuandik* é uma extensão de nós, ele vive nossas batalhas, nossos rezos, nossas festas e nosso cantar, ele ajuda a trazer o equilíbrio, é o ser som do equilíbrio.



**Figura 1.** *Kuandik* no colo.

## NÓS ESTAMOS CONECTADAS

Para o meu povo, quando tocamos o *kuandik* em um toré, estamos trazendo equilíbrio, somos o centro da mãe-terra enquanto evocamos sua força, sua bravura, suas energias e sua voz, em soma com o som do *kuandik*. Esse nosso ser tem o poder de aprisionar e libertar energias, por isso deve ser sempre acionado com responsabilidade e consciência energética, para não conturbarmos nossas próprias vidas e esquecermos que fomos nós as causadoras das confusões.

Existe uma força espiritual que me liga ao meu *kuandik*, e caso ele passar para outra pessoa, isso deve ser feito em vida. Quando uma parente ancestraliza, seu ser *kuandik* é quebrado ou plantado junto dela. Da mesma forma quando o ser é fraturado, não devemos remendá-lo, mas, sim, destruí-lo, liberar todas as energias, e assim fazer um novo ser para nós.

Meu ser *kuandik* possui vontades. Ele sente raiva; ele vive a agitação quando estamos em algum movimento com muitas pessoas; ele se manifesta quando não quer ser tocado por algum humano estranho; ele se comunica na realidade dos sonhos se eu não o compreender nessa realidade; ele é capaz de sentir minhas emoções, meus medos e sentimentos quando está em minhas mãos.

É que antes de navio, vem mar, e antes da rua, vem terra,  
e antes de guerra, é luta, e antes da igreja, é serra.  
E só reza quem sabe rezar.  
Oro-pytá (nós ficamos) onde a alma pousar.  
Porque antes de cidade,  
O mundo é Ka'á (floresta) e Y' (água)  
E enquanto houver abá (indígena), a yby (terra) gira.  
Para (re)escrever seu (re)existir

(Ellen Lima, 2021, p. 16).

Dá mesma forma que a terra gira, as sementes giram dentro da cabaça e ressoam com a força do rezo, nos acompanham na luta e no bater dos pés na terra dentro ou fora da mata. A relação com o *kuandik* é tranquila quando mantemos o respeito, o espaço, o cuidado, a energia em equilíbrio, a força e os movimentos ao girá-lo no sentido que tem que ser, que somos ensinadas desde o nosso primeiro ser som. Precisamos tomar cuidado com o lado para o qual giramos nosso ser, com a energia que estamos mandando para o mundo, porque isso aprisiona ou liberta as energias elementares em que estamos vibrando coletivamente. Nós não andamos só.

Os encantados desceram e mostram o caminho  
Semente estelar, tu nunca tá sozinha  
Lágrimas vêm lavar o suor do teu rosto  
Rapé sagrado puro e te deixa disposto  
A tua mãe-terra não vai sucumbir  
Estacionei a minha nave e vim perto de ti  
Lembra que viestes cumprir uma missão  
Ancora na tua mãe-terra amor e união

(Chegou a hora - Siba Puri, 2024).

O *kuandik* exige de nós uma postura do nosso corpo quando estamos com ele em um momento de rezo e canto do toré. É uma troca e uma ligação de muitas energias de parentes indígenas, de seres, da mãe-terra que está alinhando, recebendo e nos devolvendo a força. É um ser que nos traz de volta quando precisamos retornar, que faz o som da cura se assim for pedido, que pode aprisionar lembranças, desejos, cantos e vontades se for instruído a isso.

Quando alguém do povo ancestraliza, seu *kuandik* é quebrado e vai com ele para dentro da mãe-terra, igual os parentes Wajãpi descrevem em *Para nós não existe só imagem*, “tem que tirar da casa as coisas da pessoa que morreu, ou enterrar na sepultura” (Pesquisadores Wajãpi, 2008, p. 7); isso para que a pessoa não seja acionada se alguém tocar seu *kuandik*, porque nossos *kuandik* são extensões de nós.

Eu nunca vou a nenhuma manifestação, a nenhum encontro com parentes indígenas sem levar comigo um dos meus ser som do equilíbrio. Minha vivência de hoje me conectou a mais de um *kuandik*, que estão comigo em meu lar, todos são meus e são eu, contudo, existe sempre um com o qual a nossa ligação é mais forte.

O *kuandik* canta com a gente até altas horas da manhã quando tem toré, mas ele também sabe fazer o som da política e da universidade. Assim como nós sabemos, ele entende que “é preciso sorrir quando estamos na luta pela sobrevivência e preservação cultural, mesmo que nos arranquem os dentes ou a língua” (Eliane Potiguara, 2018, p. 108), por isso ele segue em todas as lutas, cantos e rezos ao nosso lado, nos protegendo e nos fazendo avançar.

A tentativa de enquadrar ele nas dualidades do mundo dos brancos é uma forma de apagamento. Ele é um ser completo e complexo demais para estar num ambiente fechado e escuro como uma caixa de categoria “objetos”. É não é porque os não indígenas não compreendem o poder do nosso *kuandik* que ele se torna algo menos importante. A realidade da cidade não é a única que existe. Viemos e vivemos a espiritualidade e a verdade da floresta, e contamos nossas histórias e as histórias dos nossos seres para continuar “preservando a identidade indígena a qualquer preço” (Eliane Potiguara, 2018, p. 108).

## REMÃETERRAÇÃO

Quando encontrado em escavações arqueológicas, o *kuandik*, assim como as cerâmicas, os machados, as pontas, as urnas, as pessoas, são todas encaixotadas literalmente em caixas e gavetas nas reservas técnicas e nos museus, sendo arrancado deles a memória, o som, a experiência, a própria vida do ser, porque as reservas e os museus “separam histórias, pessoas e coisas” (Juliana Machado, 2021, p. 5).

A urna que era guardiã de uma pessoa quando foi entregue à mãe-terra, tem sua pessoa separada dela. O que era antes um só ser foi separado e repartido porque a guardiã urna e gente humana não ficam na mesma categoria na Arqueologia, sem contar que isso gera confusões espirituais, porque ali tinha uma proteção para a pessoa que ancestralizou. Enquanto a Arqueologia cresce e o tempo passa, “as coisas ficam cada vez mais engavetadas e encaixotadas” (Juliana Machado, 2021, p. 7).

Dentro da Arqueologia, precisamos tomar escolhas políticas de quais narrativa das mãeterralidades vamos criar, buscar e contar. Ouvi-las é como ouvir um ancião falando com a gente. Pensa em quanta coisa aprendemos com a história e vivência de um pote de cerâmica que foi feito por parentes para ser usado na alimentação da festa de nascimento de uma criança.

Nós, pessoas arqueólogas, deveríamos ir atrás de nossas realidades indígenas, porque, se um pote de cerâmica encontrado em uma escavação foi visto, sentido e

conectado com um parente que é a geração nascida dos antigos que o fizeram, nós vamos saber além do peso, da espessura, da cor, da pasta do pote. Nós vamos poder contar para as pessoas sobre o povo que fez aquele pote, suas lutas, suas danças, entender como o pote é feito e o que mudou dos antigos até hoje, porque nossas vivências em saber-fazer corre como o rio: criamos, recriamos e adaptamos as formas de contruir.

A parenta indígena Ivana Carina Jofré (2024) fala sobre ser uma arqueóloga indígena, nessa identidade profissional que nos coloca modos de ser, de se portar dentro da universidade, das formas de trazer as temáticas, somos outra realidade dentro da Arqueologia.

Isso é tão real e praticamente palpável, porque eu me coloco no lugar de uma indígena arqueóloga, nasci indígena e escolhi a profissão de Arqueologia, mas a forma como sou questionada em sala de aula, como sou lida nos corredores da universidade, o jeito que indagam a minha existência dentro da ciência, tudo isso faz parte de outro modo de ser arqueóloga, que não é o tradicional. E isso só acontece porque eu sou feita de terra e é a ela que eu devo respeito. Eu não me tornei pesquisadora na Arqueologia para ir contra os saberes da terra e das minhas raízes, mas para trazer os nossos saberes e questionamentos para dentro da universidade.

Para nós, indígenas indígenas na arqueologia, é exaustivo a forma como nos tratam dentro da Arqueologia e como tratam nossas materialidades, porque não nos querem fazendo ciência, mas querem ir atrás de nós dentro de nossos territórios. E para quê? Para escrever sobre nossos saberes em nome das cara gente branca? E ainda tratar nossas materialidades como coisas sem ação?

O que a Arqueologia retira da terra se torna um tal de patrimônio da união. Depois disso, os parentes que não são da área, não podem mais ver, nem sentir, nem conversar com as mãeterralidades que levaram. Esse tal de patrimônio aí é bom para quem? Porque dentro da Arqueologia ninguém quer falar sobre demarcação dos territórios, ninguém quer trazer para a roda os problemas do marco temporal.

As pessoas arqueólogas precisam tomar uma posição política diante do que a Arqueologia representa para os mundos, como ela fere pessoas, seres e materialidades e como ela pode curar. Se um parente fala que um *kuandik* que foi retirado da terra em uma escavação precisa retornar para a terra, o que a gente faz? A gente questiona? Não, a gente aceita e descobre a melhor forma de fazer isso acontecer e de proteger os lugares, isso é a remãeterração, a ação de devolver para a mãe-terra o que precisa ser devolvido.

Os sítios arqueológicos que são tão caros para a Arqueologia são menos cuidados depois das escavações. Esses locais são nossos lugares, nossas aldeias antigas. Portanto, se nossos povos estão em processo de retomada territorial de algum desses lugares, por que a Arqueologia se cala? Se para nós, na Arqueologia, eles são sítios de grande importância, a melhor forma de cuidar deles é deixar que nós, indígenas, cuidemos, porque se vocês não sabem, os sítios arqueológicos não são de vocês que pesquisam a respeito deles; eles não são do professor Y, ou da professora X, eles são nossos territórios. E da mesma forma que o *kuandik* é uma extensão de nós, nossos territórios também são.

Estamos em um momento crítico dentro da universidade e dentro da Arqueologia. As materialidades e as pessoas retiradas da mãe-terra não são coisas estáticas, elas têm poder, força, raiva e estão protegidas. Precisamos entender que o futuro da Arqueologia será ancestral ou não será.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHEGOU a Hora. S. l.: s. n.], 2024. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Siba Puri. Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=RmGWti\\_9MNM&list=OLAK5uy\\_kPw8\\_CYJTFj po 21oTzCCxqbO4Mu0CIVg0&index=3](https://www.youtube.com/watch?v=RmGWti_9MNM&list=OLAK5uy_kPw8_CYJTFj po 21oTzCCxqbO4Mu0CIVg0&index=3). Acesso em: 23 dez. 2025.

- CABOCLA Jandira. Intérprete: Círculo Piaga. Compositor: Eulália Rodrigues. 2024.
- FERREIRA, Gabrielle. Eu tinha um nome, um sorriso, uma ancestralidade e uma voz. *Revista de Arqueologia*, v. 37, n. 1, p. 1-10, 2024.
- FLORES BORUM-KREN, Bárbara. O que os feminismos e o ambientalismo podem aprender com as lutas de indígenas mulheres e o bem-viver? In: KAYAPÓ, Alin; LIMA-PAYAYÁ, Jamille; SCHUBERT-TUPINAMBÁ, Arlete (org.). *Wayrakuna Polinizando a vida e semeando o Bem-Viver*. Ponta Grossa: Coleção Retomadas, 2023. p. 20-28.
- JOFRÉ, Ivana Carina. Coming home with a vengeance: indigenous activism on the margins of archaeology. In: NICHOLAS, George; WATKINS, Joe. *Working as Indigenous Archaeologists*. Routledge: Abingdon-on-Thames, 2024. p. 204-217.
- KÂE – Por dentro da Terra (Clipe Oficial). S. l.: s. n.], 2021. 1 vídeo (3 min). Publicado pelo canal Azuru. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gcZvckHKfPk>. Acesso em: 19 dez. 2025.
- KAINGANG, Joziléia. A voz que sopra do Sul. In: Lima, Martha. (org.). *Oboré: Quando a terra fala*. São Paulo. Arapoty, 2022. p. 68-85.
- KAYAPÓ, Aline *et al.* As filhas da ventania. In: Kayapó, Aline; LIMA-PAYAYÁ, Jamille; SCHUBERT-TUPINAMBÁ, Arlete (org.). *Wayrakuna Polinizando a vida e semeando o Bem-Viver*. Ponta Grossa: Coleção Retomadas, 2023. p. 20-28.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- LEVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem* Campinas: Papyrus, 1997.
- LIMA, Ellen. *Ixé Ygara Voltando pra 'Y'kúá (Sou canoa voltando pra enseada do rio)*. 2. ed. São Paulo. Urutau, 2021.
- LYONS, Natasha; SUPERNANT, Kisha. Introduction to an Archaeology of the Heart. In: SUPERNANT, Kisha *et al.* (ed.). *Archaeologies of the Heart*. Cham: Springer, 2020. p. 1-19.
- MACHADO, Juliana. Histórias roubadas: (des)encontros entre arqueólogos, sítios e coleções arqueológicas e os Laklänō Xokleng no Alto Vale do Itajaí, SC. *Revista Hawò*, Goiânia, v. 2, p. 1-49, 2021.
- PESQUISADORES WAJÃPI. Para nós não existe só “imagem”. Amapá: Instituto de Pesquisa e Formação em Educação Indígena; Unesco, 2008.
- POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. Lorena: DM Projetos Especiais, 2018.
- XAKRIABÁ, Célia. *O Barro, o Genipapo e o Giz no Fazer Epistemológico de Autoria Xakriabá: reativação da memória por uma educação territorializada*. 2018. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2018.
- XAKRIABÁ, Célia. Só sabe ser humano quem sabe ser natureza. In: LIMA, Martha (org.). *Oboré: Quando a terra fala*. São Paulo. Arapoty, 2022. p. 12-27.